



COMUNIDADES VIRTUAIS DE PRÁTICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA EAD

Camilla Ortega Flores Gomes | Universidade Católica Dom Bosco | camilla_ortega@hotmail.com
Maria Cristina Lima Paniago | Universidade Católica Dom Bosco | cristina@ucdb.br

GT 2: Metodologias, avaliação e Formação de professores para EaD

Resumo:

Esta pesquisa é derivada dos estudos desenvolvidos inicialmente na dissertação de mestrado “Professores de Língua Inglesa no Brasil: formação continuada e inter-relações possíveis com Comunidades de Prática”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco e ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED). Objetivamos investigar as Comunidades Virtuais de Práticas (CVOP) como um espaço de formação continuada de professores para EaD. O percurso metodológico é qualitativo e fundamenta-se em pesquisa bibliográfica sobre o tema. Conceituamos as comunidades de Prática Virtuais e discutimos sua aplicação para a formação continuada de professores para EaD, relacionando a cultura digital. Entendemos que a experiência, interação, dialogicidade e a reflexão sobre a prática e sobre o processo de ensino-aprendizagem, emergentes a partir das CVOP, possibilitam ciclos contínuos de aprendizagem e teorização para a prática docente.

Palavras-chave: Comunidades Virtuais de Prática. Formação Continuada de Professores. Cultura digital.

1 Educação à Distância e formação continuada no contexto de metamorfose da educação

O presente estudo possui caráter qualitativo. Que segundo Minayo (2009, p. 22), “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas”. A produção de dados foi desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica. Objetivamos investigar as Comunidades Virtuais de Práticas (CVOP) como um espaço de formação continuada de professores para Educação à Distância (EaD).

Hermida e Bonfim (2006) discorrem que a Educação à Distância não é nova, mas que está em crescimento:

Está crescendo exponencialmente devido ao surgimento da sociedade baseada em informações e da explosão do conhecimento. A sociedade demanda cada vez mais novas habilidades e conhecimentos por parte da força produtiva, assim como novos “produtos” do sistema (novas profissões, interdisciplinaridade, etc.). Somente a educação presencial não dá mais conta dessa demanda (Hermida, Bonfim, 2006, p. 167)

Hoje, em 2026, o crescimento exponencial da EaD faz parte da nossa realidade, integrando a rotina e história de vida de milhares de brasileiros, principalmente por ser uma formação mais acessível dentro da rotina instaurada pela sociedade capitalista moderna.



Refletindo sobre as mudanças na educação, Nóvoa (2019) indica um movimento de metamorfose da escola, marcado pelo “fim da escola tal como a conhecemos, e do princípio de uma nova instituição, que certamente terá o mesmo nome, mas será muito diferente” (Nóvoa, 2019, p. 2), tal apontamento implica na renovação das práticas pedagógicas e modelos de formação:

A escola assenta num contrato social e político que lhe atribui a responsabilidade pela formação integral das crianças num modelo organizacional bem estabelecido. No início do século XXI começou a tornar-se claro que este contrato e este modelo precisam de ser profundamente repensados. Já não se trata de melhorias ou de aperfeiçoamentos ou mesmo de inovações, mas de uma verdadeira metamorfose da escola. Fazer esta afirmação é, também, reconhecer as mudanças que, inevitavelmente atingem professores e sua formação (Nóvoa, 2019, p. 3)

Ao apontar que não se trata apenas de aperfeiçoamentos ou inovação Nóvoa não exclui a potencialidade dessas ações, mas destaca que a metamorfose se trata de uma educação realmente nova, repensada conforme as mudanças que atingem a sociedade e impactam diretamente a educação.

Assim, refletimos sobre as questões digitais que entrelaçam os processos educativos e por conseguinte, o desenvolvimento da EaD. As tecnologias digitais e redes de comunicação não podem ser vistas apenas como ferramentas, instrumentos, recursos ou suportes, mas como forças do ambiente que afetam cada vez mais a concepção das pessoas sobre si mesmas, as interações entre elas, como ensinam e como aprendem (Moreira; Schlemmer, 2020).

As implicações da cultura digital no processo de metamorfose da escola são mais profundas do que a disponibilização de recursos tecnológicos à estrutura das escolas e exige criticidade:

Vivendo em uma sociedade denominada tecnológica, nós somos desafiados a aprender de forma flexível, participante e interdependente. Além de usar tecnologias de forma instrumental, objetivando a solução de problemas imediatos e reproduzindo práticas mecânicas, somos chamados para nos apropriarmos das tecnologias de forma inovadora, dialógica, colaborativa, reflexiva e crítica, para (re)inventar e (re)construir significados que compõe nossa formação e aprendizagem permanente, em diferentes contextos e situações (Paniago; Santos; Dorsa, 2021, p. 707), (tradução nossa).

Hermida e Bonfim (2006) também destacam que a EaD não é sinônimo de tecnologia, pois seu desenvolvimento envolve o uso de variadas tecnologias, das mais simples (cartas, livros), até mais complexas (videoconferências). Entendemos que mais do que a presença da tecnologia, devemos refletir sobre como que os participantes do processo educativo à distância interagem e são atravessados pela experiência da EaD, observando a parte humana da interação com a tecnologia digital.



O processo de (re)invenção e (re)construção das práticas de ensino-aprendizagem na EaD exige um espaço de formação continuada aberto e reflexivo sobre as práticas que envolvem os professores e alunos.

Assim, objetivando uma alternativa de formação continuada reflexiva, que intervém na realidade e é construída a partir dela, sendo essencialmente humana, analisamos as Comunidades Virtuais de Prática como formação para professores para EaD.

2 Comunidades Virtuais de Prática

Wenger Trayner et al. (2023, p. 66) definem a comunidade de prática “como uma parceria de aprendizagem sustentável entre os praticantes que estão prontos para interagir regularmente com o tempo a fim de melhorar, coletivamente e individualmente, na prática que eles compartilham” (tradução nossa).

Nem toda comunidade é efetivamente uma Comunidade Prática, para que ela se estabeleça, segundo Etienne e Beverly Wenger-Trayner (2015), é essencial que existam três fatores: 1) um domínio, que define a identidade do grupo por meio de um campo de interesse em comum, implicando um comprometimento com o tema; 2) a comunidade, que se estabelece por meio do engajamento em discussões e atividades dentro do domínio, construindo relações que possibilitam a aprendizagem um com o outro; e 3) A prática, essencialmente, membros de uma CoP são praticantes, que desenvolvem um repertório compartilhado de recursos, experiências, ferramentas e formas de lidar com diferentes problemas, o desenvolvimento de uma prática compartilhada pode ser mais ou menos consciente.

As comunidades de prática podem acontecer de forma presencial, híbrida (encontros presenciais e virtuais), ou virtual (mediada pelo espaço de conexão tecnológica), sendo estas as comunidades virtuais de prática (CVOP) ou comunidades de prática on-line.

O acesso à formação por meio da CVOP em ambientes virtuais pode trazer uma flexibilização de horários positiva à participação dos professores, no entanto, para a adoção de tecnologias digitais de forma crítica, iniciamos pela “análise necessária das condições e requerimentos dos contextos e comunidade em que essas práticas acontecerão, revelando desafios que podem emergir” (Paniago et al., 2022, p. 12), (tradução nossa). Pensando sobre a carga de trabalho adicional que os professores estariam recebendo, o acesso que eles têm aos aparelhos digitais (notebooks, smartphones ou tablets), a estabilidade da conexão com a internet, o espaço fora do ambiente de trabalho para participar de maneira confortável e privativa, etc. Todos esses fatores implicam se a execução virtual da COP será possível ou não.



Com a atuação dos três fatores (comunidade, domínio e prática), é propício o desenvolvimento reflexivo dos professores, como agentes sociais, ao não conceber a prática como um conhecimento encerrado, mas como algo que se desenvolve em diferentes variáveis e contextos, assim, relacionando-se com o apontado por Veiga:

Se se pretende avançar na formação de professores, a fim de atender às exigências da sociedade brasileira, não se pode simplesmente relegar a segundo plano a produção teórico-metodológica produzida pelos professores-pesquisadores. (Veiga, 2006, p. 81)

A Comunidade de Prática é uma forma de reconhecer o conhecimento dos professores e sua capacidade de teorizar a partir de suas experiências, justamente por ser mais do que um ambiente de compartilhamento de conhecimentos existentes, mas também de “inventar novas práticas, criar novo conhecimento, definir novo território e desenvolver uma voz coletiva e estratégica” (Wenger-Trayner; Wenger-Trayner, 2015, p. 7).

No movimento de trazer as experiências para a comunidade, refletir sobre elas e compartilhar perspectivas e abordagens da prática, os praticantes passam a participar do chamamos de ciclo contínuo de aprendizagem, com a produção contínua de conhecimentos e recursos que passam a ser compartilhados nesse espaço.

7 Considerações finais

Concluimos que as comunidades virtuais de prática (CVOP) configuram uma alternativa promissora para o desenvolvimento da formação continuada de professores para a EaD, uma vez que favorecem a construção coletiva do conhecimento por meio da interação, da colaboração e da reflexão sobre a prática pedagógica.

Ao promover ciclos contínuos de aprendizagem, esses espaços possibilitam a troca de experiências, a problematização de desafios cotidianos e a produção compartilhada de soluções, fortalecendo processos de aprendizagem crítica e de teorização da prática vivenciada. Também contribuem para a compreensão e atuação docente no contexto da cultura digital, sendo um espaço para a identificação do impacto e afetamento da mediação tecnológica na atividade docente de cada praticante da comunidade.

Observamos que há lacunas de mais estudos sobre o cultivo e análise do desenvolvimento da formação continuada de professores para EaD pelas comunidades virtuais de prática.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.



HERMIDA, Jorge Fernando; BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. **A Educação à Distância: História, Concepções e Perspectivas**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, p. 166-181, ago. 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In: _____. (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife**. Revista UFG, Goiânia, v. 20, n. 26, p. 63438, 2020.

NÓVOA, António. **Os Professores e a sua Formação num tempo de Metamorfose da Escola**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

PANIAGO, Maria Cristina Lima et al. **Intercultural Dialogues in Covid-19: digital culture, innovation, and online pedagogy in higher education**. Revista Edutec – Educação, Tecnologias Digitais e Formação Docente, Campo Grande, v. 2, n. 1, 2022.

PANIAGO, Maria Cristina Lima; SANTOS, Rosimeire Martins Régis dos; DORSA, Arlinda Cantero. **Networks in the context of digital cultures: Technologies, coordinators, university teachers and students**. Interações, Campo Grande, MS, v. 22, n. 3, p. 705-714, jul./set. 2021.

WENGER-TRAYNER, Etienne; WENGER-TRAYNER, Beverly. **Introduction to communities of practice: a brief overview of the concept and its uses**. Wenger-Trayner Global Theorists and consultants, 2015. Disponível em: <https://www.wenger-trayner.com/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

WENGER-TRAYNER, Etienne et al. **Communities of practice: within and across organizations**. Social Learning Lab: Sesimbra, 2023.